

PORTANTO: CONJUNÇÃO CONCLUSIVA OU ADVÉRBIO*

Erotilde Goreti Pezatti**

RESUMO

Este estudo limita-se ao exame do conector *portanto* no português falado culto do Brasil. O objetivo é fornecer uma descrição detalhada do comportamento sintático-semântico desse juntor e verificar se já se gramaticalizou como conjunção.

Uma das áreas menos precisas da gramática do português é a da classificação de conjunções: a indicação de categorias e subcategorias esbarra frequentemente na falta de critérios claros e explícitos de delimitação, sendo, por isso, um domínio a que melhor se aplica o conhecido princípio da não-biunivocidade entre forma e função.

Um problema a mais nesse âmbito específico da relação conclusiva é a escassez de trabalhos especializados. Geralmente os estudos sobre conjunções ou operadores argumentativos se restringem a *e*, *ou* e *mas* e aos operadores de causa/explicação. Informações mais específicas sobre as conclusivas obtêm-se, ainda que rarefeitas, nas gramáticas tradicionais, cujos critérios, sabe-se bem, nem sempre são definitivos e, por isso mesmo, pouco operacionais.

Este texto se organiza em três partes. Na primeira, colocam-se os objetivos em face das hipóteses de trabalho; na segunda, apresentam-se os procedimentos metodológicos e técnicas de investigação; a terceira parte constitui uma descrição dos resultados do levantamento e, nas considerações finais, resumem-se as principais conseqüências que permitem os resultados para um equacionamento mais preciso da relação de conclusão estabelecida pela forma *portanto*.

* Este texto é uma adaptação do trabalho de pesquisa desenvolvido para o Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), já concluído, intitulado *Construções conclusivas no português falado*, a ser publicado no v. 8 da *Gramática do Português Falado*, organizado por Abaurre e Rodrigues, 1999.

** Universidade Estadual Paulista, *campus* de São José do Rio Preto.

HIPÓTESES E PROPOSTA DE TRABALHO

Neste estudo, consideraremos, como hipótese a ser investigada, a possibilidade que a construção conclusiva composta por *portanto* sustenta de, além de exprimir o nexos semântico de causa-conseqüência (*dictum*), estabelecer uma relação de implicação entre a proposição antecedente e a conseqüente, ou seja, exprimir uma relação de inferência entre proposições, em que a primeira é uma das premissas e a segunda, a conclusão (*modus*).

Outro aspecto que se deseja investigar é se o português conta realmente com uma conjunção *portanto* legítima. A esse propósito, Carone (1988, p. 58-59) afirma que as conjunções são geralmente expressões que deslizaram de um estatuto de advérbio para o de conjunção. Seu valor de origem perdura na mobilidade de que são dotadas, mais caracterizadora do advérbio. Os marcadores que atuam como elementos de coesão entre partes de um texto, como *além disso*, *apesar disso*, *em vez disso*, *pelo contrário*, *ao contrário*, *ao mesmo tempo*, *desse modo*, *assim*, *então*, *aliás*, situam-se na faixa de transição de advérbio para conjunção. Como termos híbridos, participam da natureza do advérbio e da natureza da conjunção: exprimem circunstâncias várias, mas comportam-se como elementos de coesão, a caminho de cristalizarem-se, ou, preferencialmente, gramaticalizarem-se como conjunções coordenativas.² É fundamental percebermos que esse valor coesivo advém de seu caráter anafórico, explícito ou implícito.

Carone defende a idéia de que a conjunção coordenativa integra a segunda oração coordenada, pois o processo de coordenação de orações ocorre de acordo com as seguintes etapas:

- a) um termo de valor adverbial, pertencente à estrutura da segunda oração coordenada, reitera a primeira oração como um todo;
- b) esse termo é, portanto, um representante da primeira oração dentro da segunda;
- c) esse circunstante entra em processo de cristalização, no decorrer do qual se desvanece paulatinamente a noção de que ele é uma anáfora da oração inicial;
- d) ao mesmo tempo ganha força sua função “relacionadora”: é um laço que a segunda oração estende para agarrar-se à oração inicial;
- e) completando-se o processo, está criada mais uma conjunção coordenativa, morfema que faz parte da segunda oração coordenada.

Esse programa está de acordo com o princípio de unidirecionalidade das fases do processo de gramaticalização: segundo Hopper & Traugott (1993), no nível

² Castilho (1997, p. 26) arrola três processos constitutivos das línguas: gramaticalização, semanticização e discursivização.

morfológico, as fases por que passa um item lexical antes de se transformar numa unidade funcional são tão rigidamente ordenadas que bloqueiam automaticamente o percurso inverso, conforme a escala: ITEM LEXICAL > PALAVRA GRAMATICAL > CLÍTICO > AFIJO FLEXIONAL. No caso de conjunções, especificamente das conclusivas, o que poderia ocorrer é um subtipo de gramaticalização que Hopper & Traugott (*op. cit.*) denominam recategorização sintática, processo mediante o qual um item lexical muda as propriedades gramaticais que o incluem numa determinada classe para integrar-se em outra, conforme a seqüência: CATEGORIA MAIOR (Nome, Verbo, Pronome) > CATEGORIA MEDIANA (Adjetivo, Advérbio) > CATEGORIA MENOR (Preposição, Conjunção). O processo diacrônico de recategorização sintática é o que melhor explica a transformação a que alude Carone (*op. cit.*), mediante a qual locuções adverbiais passam a exercer a função de conjunção.

Em suma, o propósito deste trabalho é verificar, por um lado, os níveis de atuação da relação semântica de conclusão, como subproduto da relação de causa-conseqüência, e, por outro, o grau de gramaticalização do operador *portanto*, na modalidade culta falada do português.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO

O universo de pesquisa é uma amostragem representativa do *corpus* mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado, composto por três tipos de inquérito: Elocuções Formais (EF), Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre dois Informantes (D2).

O fato de *logo* ser considerada a conjunção conclusiva por excelência, levou-nos a estabelecer, como um fator, a possibilidade de o conector *portanto* alternar, na mesma posição, com esse juntor prototípico, mantendo-se a identidade semântico-discursiva da relação entre as orações. A prototipicidade de *logo* se explica em função de cinco parâmetros fundamentais que, juntos, demonstram estar completo o processo de gramaticalização de *logo*:

i) Não apresenta mobilidade no interior da sentença que inicia:

(01) a. *O narciso é uma flor, logo pertence ao reino vegetal.*

b. **O narciso é uma flor, pertence, logo, ao reino vegetal.*

ii) Não pode ser precedido de outra conjunção, como a aditiva:

(01)c. **O narciso é uma flor, e logo pertence ao reino vegetal.*

iii) Pode coordenar termos, como as demais conjunções coordenativas (*e*, *ou* e *mas*):

(01) d. *Você está sentindo a sua emoção, daí ser mais ser mais fidedigno, logo mais verdadeiro.*

iv) Não aceita focalizadores, como advérbios de inclusão/exclusão, *hedges* e clivagem:

(01) e. **O narciso é uma flor é logo que pertence ao reino vegetal.*

Tendo em vista os traços que compõem a prototipicidade de *logo*, acima mencionada, estabeleceu-se, como hipótese de trabalho, que a gramaticalização do juntor *portanto* deveria acompanhar o comportamento sintático do modelo, em função dos seguintes fatores: 1) a possibilidade de o conector ser antecedido por *e*, considerando a hipótese de que a presença de um juntor elimina automaticamente a necessidade de um segundo, a menos que exerçam diferentes funções; 2) o nível estrutural da coordenação, se oração ou termo, considerando que a junção com *e*, *ou* e *mas*, coordenativos prototípicos, realiza-se em vários níveis estruturais; 3) com base no fato de que elementos já gramaticalizados como conjunções ocupam uma posição fixa, a inicial na apódose, analisa-se a mobilidade dos jutores, com o objetivo de verificar se ainda preservam o caráter adverbial; 4) tendo em vista essa natureza híbrida das conjunções e o fato de os advérbios permitirem focalização por meio de clivagem ou de partículas especiais, propusemo-nos verificar como se comportam os jutores conclusivos em relação a esse aspecto. Foram assim considerados mais dois grupos de fatores: a possibilidade do uso de clivagem e a de restrição e precisão por meio de advérbios de inclusão/exclusão. (Ilari et al., 1996a)

Considerando-se agora a questão de coordenação *versus* subordinação, sabe-se que a subordinação constitui um único ato de fala e, por isso, a ordem dos elementos coordenados é semanticamente irrelevante. O mesmo, no entanto, não acontece com a coordenação, já que as orações devem “... se dispor conforme o sentido e a sucessão lógica dos fatos” (Barbosa, 1881, p. 53). Desse modo, analisa-se também a possibilidade de inversão da ordem dos elementos coordenados pelo juntor em pauta.

Incluiu-se ainda como fator de análise a possibilidade de a conjunção iniciar respostas a perguntas específicas, conforme sugerido por Ilari (1996b, p. 26), ao afirmar que as conjunções ‘perguntáveis’ podem compartilhar alguma propriedade semântica comum. Seguindo ainda o roteiro sugerido por esse autor, foram considerados mais três grupos de fatores relacionados a propriedades semânticas dos conectores. Um deles refere-se à argumentatividade, ou seja, à capacidade da conjunção de contrastar duas orientações argumentativas e ao mesmo tempo relacionar um argumento e sua conclusão. Um outro fator diz respeito ao *modus*, ou seja, à possibilidade de o juntor transpor para o texto o seu sentido literal. Como último fator, verificou-se a possibilidade de essa forma conjuntiva estabelecer pressuposição, ou seja, se a presença da conjunção é determinante para desencadear o aparecimento de pressupostos numa das sentenças que une sintaticamente.

A RELAÇÃO CONCLUSIVA COM PORTANTO

Segundo Carone (1988), *portanto* já se petrificou como conjunção conclusiva, uma vez que já superou as fases do processo de cristalização, ou seja, o termo de valor adverbial, pertencente à estrutura da segunda oração coordenada, que reiterava a primeira oração como um todo, foi perdendo, paulatinamente, no decorrer do processo, a noção de que ele era uma anáfora da oração inicial e foi adquirindo, ao mesmo tempo, uma função relacionadora. A forma ortográfica é um bom indicador disso, conforme se vê na junção da preposição *por* e do advérbio *tanto*, mas as evidências se limitam a esse fio tênue, já que os dados revelam um comportamento oposto a essa direção, e que, portanto, não sustentam a definição do processo de gramaticalização.

Ao mesmo tempo que 89,4% das ocorrências de *portanto* podem ser substituídas por *logo*, considerada a conjunção conclusiva por excelência, 68,4% admitem ser introduzidas pela conjunção *e*, o que lhe dá o *status* de advérbio, conforme se verifica em (02), abaixo. Se já há uma conjunção, para quê outra? Isso parece indicar que o processo de gramaticalização dessa conjunção ainda não se efetuou completamente, contrariando a afirmação de Carone (*op. cit.*).

(02) *então não havendo a luz... não pode haver a refração diferente aí dos raios luminosos e portanto não existe a cor...* (EF-SP-405)

Além disso, em alguns casos, *portanto* semanticamente ainda conserva o valor adverbial de modo, podendo perfeitamente ser substituído pelo sintagma preposicionado *desse modo*, como pode ser verificado em (03a).

(03) *o mesmo acontece para o sexo feminino...se na mulher se retira os ovários...retirando portanto a fonte pro/ da/ eh:: eh::/ elaboradora de hormônio...feminino...o:: as glândulas mamárias...elas se atrofiam* (EF-SSA-49)

(03) a. *o mesmo acontece para o sexo feminino...se na mulher se retira os ovários...retirando desse modo a fonte pro/ da/ eh:: eh::/ elaboradora de hormônio...feminino...o:: as glândulas mamárias...elas se atrofiam.*

Os dados mostram que *portanto* ocorre basicamente com três tipos de estruturas. Num primeiro caso estabelece uma relação de conclusão entre orações completas sintaticamente, como em (04):

- (04) ... *são entidades sem fins lucrativos... portanto são/ têm por obrigação PRESTAR... toda assistência devida... aos seus... sindicalizados...* (DID-RE-131:87)

Em outros casos, o emprego de *portanto* serve para introduzir uma oração reduzida de gerúndio, que estabelece, ao mesmo tempo, relações de conseqüência e de simultaneidade entre as orações “coordenadas”, ou ainda, uma relação implícita de conseqüência óbvia, que precisa ser explicitada discursivamente em razão da natureza didática do texto. É o que se pode observar nas sentenças (05-06) abaixo:

- (05) *quanto a forma de mediastino anterior...mediastino anterior...apresenta a forma quadrilátera...apresentando portanto...devido a sua forma quadrilátera...seis paredes...nós temos uma parede superior...uma parede inferior...- duas - ...uma parede anterior.— três -...uma parede posterior.. - quatro -...e duas paredes laterais* (EF-SSA-49:231)
- (06) *então vocês vêem que geralmente...o crescimento das glândulas mamárias...está ligado...realmente à ação hormonal...se::se faz a retirada do testículo e retirando portanto...a fonte que/ a elaboradora do testosterona...terá que haver uma ginecomastia* (EF-SSA-49:68)

A sentença (06) apresenta, na verdade, uma relação de implicatividade em que há uma correlação *se X, então Y: se se faz a retirada do testículo então terá que haver uma ginecomastia*, em que a oração iniciada por *portanto* está inserida numa condicional hipotética.

Um terceiro tipo é o que estabelece uma ligação entre sintagmas e não entre orações. Conforme menciona Ilari (1996b), embora a característica típica de uma conjunção seja a de ligar orações, é sabido que algumas ligam termos. Isso se pode verificar com as conjunções *e*, *ou* e *mas*. Embora, em princípio, as conjunções conclusivas liguem apenas orações, há ocorrências no *corpus* que parecem contrariar essa afirmação. Merece destaque a esse respeito, o comportamento de *portanto*, que, diferentemente das outras, pode ligar sintagmas. No *corpus* analisado, 31,4% das ocorrências constituem coordenação de termos, como se observa em (07-09) abaixo:

- (07) *embora... de vinte mil a doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos... ainda seja... um período MUIto maiOR do que... o que nós conhecemos... historicamente... que abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até hoje portanto... por volta de sete mil anos... certo?... então tudo o que a gente vai dizer a respeito desse período... é baseado em pesquisas... arqueológicas* (EF-SP-405:24)

(08) *as regras jurídicas... são... as normas de conduta... mais: intensas eu acho que vocês leram isso entre as páginas dez e treze e catorze por que mais intensas? são as mais fortes... as mais aceitas... as que gozam **portanto** de maior aceitação da comunidade são as mais abrangentes... as mais amplas* (EF-RE-337:48)

(09)... *é lógico... que... não vai levar em consideração... que você diga que é... desse jeito... ou daquela maneira mas sim o que realmente você está sentindo a sua emoção... daí ser mais... rigoroso... ser mais sério... ser mais fidedigno... **portanto** mais... verdadeiro... mas nem sempre se col/ podemos colocar:... não é?* (EF-RE-337:159).

Embora essa propriedade de ligar termos aproxime *portanto* de uma verdadeira conjunção coordenativa, como *e*, *ou* e *mas*, seu comportamento indica mais um valor discursivo de reparação, que propriamente conclusivo: o segundo termo da relação aparece sempre redefinido semanticamente, o que se depreende da função discursiva de *portanto*, de especificar ou esclarecer um constituinte.

Outra característica própria de *portanto* é a de não aceitar absolutamente qualquer forma de clivagem, conforme demonstram (10a-b), e também nenhuma forma de restrição, especificação ou focalização, ou seja, não é possível aplicar ao nexos estabelecido por *portanto* um advérbio como *só*, *inclusive* e *exatamente*, conforme se observa em (10c-d), abaixo:

- (10) a. **não pode haver a refração diferente aí dos raios luminosos e **portanto** é que não existe a cor*
 (10) b. **não pode haver a refração diferente aí dos raios luminosos e é **portanto** que não existe a cor*
 (10) c. **não pode haver a refração diferente aí dos raios luminosos e só **portanto** não existe a cor*
 (10) d. **não pode haver a refração diferente aí dos raios luminosos e **portanto** mesmo não existe a cor*

O conector *portanto* não permite a inversão da ordem das orações ligadas. Se invertermos a posição das orações sem alterar a do conectivo, verificaremos que a construção resulta agramatical, conforme demonstrado em (11a):

- (11) *contei: os seguintes grupos o grupo a: o b: o c: o d: o e: o f: o h:... e o i:... **portanto** temos entre oito nove grupos... no máximo* (EF-RE-337:7)

- (11) a. * **portanto** temos entre oito nove grupos... no máximo contei: os seguintes grupos o grupo a: o b: o c: o d: o e: o f: o h:... e o i:..

Observe-se, por outro lado, que a relação semântica se altera em favor de um ato de fala de verificação, na segunda oração, de que a ação de contar está correta. Além disso, em (11b), a alteração das orações com respeito ao conectivo parece não afetar as condições de verdade de toda a proposição.

- (11) b. ?temos entre oito nove grupos... no máximo **portanto** contei: os seguintes grupos o grupo a: o b: o c: o d: o e: o f: o h:... e o i:..

Merece destaque ainda o fato de que a ligação com *portanto* pode estabelecer uma relação de acarretamento entre estados de coisas (no nível do conteúdo), como o exemplo (03), abaixo repetido, entre um estado de coisas e uma inferência (no nível epistêmico), como em (12) e (13), o que demonstra o caráter multifuncional da conjunção, já detectado por Sweetser (1991):

- (03) *o mesmo acontece para o sexo feminino...se na mulher se retira os ovários...retirando **portanto** a fonte pro/ da/ eh:: eh::/ elaboradora de hormônio...feminino...o:: as glândulas mamárias...elas se atrofiam* (EF-SSA-49:68)

Em (03) há uma nítida relação de acarretamento entre dois estados de coisas: a retirada dos ovários implica a eliminação da fonte que produz o hormônio feminino. Nesse caso não há premissas e nem conteúdos pressupostos, só postos:

- (12) *sabemos por exemplo... que aos sindicatos não é permiti**T**IDO :::o chamado lucro são entidades não-lucrativas... entidades **portanto**... que não são obrigadas... a pagar o chamado imposto sobre a renda... porque... são entidades sem fins lucrativos... portanto são/ têm por obrigação **PRESTAR**... toda assistência devida... aos seus... sindicalizados...* (DID-RE-131:86)

- (13) *vocês agora eu acredito que já tenham tido... seis aulas de introdução à ciência do direito... e também entre: cinco e oito aulas de teoria geral do estado... **portanto**... já devem estar... mais ou menos por dentro até do linguajar:... da técnica jurídica* (EF-RE-337:170)

Em (12), como primeira premissa, ou conteúdo pressuposto, tem-se: *entidades não lucrativas não pagam imposto sobre a renda*; como segunda premissa, *sindi-*

catos são entidades não lucrativas; logo os sindicatos não precisam pagar imposto de renda. Já em (13), a premissa implícita é *as aulas de introdução à ciência do direito e de teoria geral do estado propiciam uma linguagem técnica*, a explícita é *vocês já tiveram aulas dessas disciplinas*, infere-se assim que *já estão acostumados à linguagem técnica*.

Como se vê, o nexos estabelecido por essa conjunção entre os conteúdos postos não afeta o pressuposto estabelecido pelas duas sentenças. No entanto, o levantamento dispõe de sete ocorrências cujo valor não corresponde ao de uma conclusão que se tira de premissas implícitas ou explícitas, mas sim a um mecanismo de reiteração, decorrente, talvez, de uma necessidade didática do locutor de tornar mais claro ou mais específico o significado de uma palavra, como se pode verificar em (14) abaixo:

- (14) *então o tecido subcutâneo...abaixo da pele portanto...nós vamos encontrar os elementos vasculares de:.../ hormônios responsáveis pela... vasc/ ...irrigação... e pela inervação da glândula (EF-SSA-49:121)*

A orientação argumentativa que se dá ao texto é relevante para compreendermos o uso que se faz da conjunção, que permite relacionar um argumento a sua conclusão. A conjunção *portanto* comporta um sentido literal de explicação (ou modo) que é transposto para o desenvolvimento do texto, como se verifica no exemplo citado abaixo:

- (15) *o direito é um fenômeno social... ele nasce da sociedade... eu acho que a maioria conseguiu dizer isso... portanto [desse modo, sendo assim, logicamente] o direito está inserido na própria realidade social... porque ele é fruto da interação social (EF-RE-337:28)*

Em todos os casos, o uso de *portanto*, da mesma forma que se observa no de *então*, como veremos abaixo, estabelece uma constante ancoragem em instância preliminar do discurso, para daí depreender o rumo da sucessão dos eventos dados mais à frente. Isso cria um efeito de previsibilidade:

a expectativa que automaticamente aparece é de algo novo a ser posto no discurso, em continuidade ou consonância com o que já é dado, sempre na mesma linha sucedânea de argumentação antes delineada. (Risso, 1996, p. 431)

Em alguns casos essa previsibilidade é tanta que chega a parecer desnecessária, como se observa em (15) acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como expusemos na introdução, a principal proposta deste trabalho foi detectar com mais precisão os critérios que possibilitem esclarecer se o nexu conclusivo estabelecido por *portanto* é de fato efetuado por uma verdadeira conjunção *portanto*. A base dessa proposta foi uma descrição do comportamento sintático-semântico desse operador, mediante alguns critérios que definem o que chamamos de conjunção conclusiva prototípica.

Consideramos *logo* como o conector prototípico no estabelecimento de relações conclusivas, não apenas em função de estar menos sujeito a outros usos que não a expressão exclusiva de valor conclusivo, mas também em virtude de apresentar alguns traços comportamentais que funcionam como marcadores por excelência de uma conclusão. Esses traços distintivos são os seguintes: 1) posição fixa na sentença, no início da apódose, como as verdadeiras conjunções coordenativas *e*, *mas* e *ou*; 2) possibilidade de coordenar termos; 3) possibilidade de não representar uma relação anafórica com a oração inicial, em função de não mais conservar valor de circunstancial; 4) possibilidade de não permitir focalização, seja por meio de clivagem seja por meio de advérbios focalizadores como *só*, *mesmo*, *principalmente* etc.

Como um resultado da análise do comportamento do conector *portanto*, em comparação ao modelo prototípico, representado por *logo*, é possível atribuir a ele os seguintes traços gerais:

Conector	Posição fixa	Coordena termos	Perda do sentido anafórico	Admite focalização
Logo	+	+	+	-
Portanto	-	+	+	-

O quadro demonstra que *portanto* aproxima-se muito da forma de uma conjunção prototípica, como aliás o atesta a forma ortográfica, mas ainda não logrou completar seu processo de gramaticalização, contrariando a afirmação de Carone (*op. cit.*).

Se tentarmos traçar uma escala entre as duas etapas do processo, de advérbio a conjunção, é possível alocarmos *logo* num pólo, como a mais típica das conjunções conclusivas, e *portanto* na faixa média do processo de transição, de acordo com o seguinte *continuum*:

Advérbio ----- Conjunção
por isso > *então* > *portanto* > *logo*

Sobre *logo*, pode-se afirmar que já deixou o estatuto de advérbio e se gramaticalizou como conjunção, o que significa exercer apenas a função de relacionar

mediante um valor conclusivo duas proposições constituintes de um argumento. *Portanto* aproxima-se do pólo de conjunção por reunir um número maior de traços que as demais: não aceita focalização, coordena termos e não tem resquício do valor anafórico; todavia o fato de conservar ainda a mobilidade própria dos advérbios indica manter ainda um matiz circunstancial.

Como elemento coesivo, o conector analisado atua tanto na junção de estados de coisa quanto na de estados de coisa e atos de fala, comportamento próprio de juntores fartamente documentado na literatura por Sweetser (1991), depois comprovado no português falado por Camacho (1999) e Pezatti (1999), no estudo da conjunção e disjunção respectivamente.

ABSTRACT

This study consists of an examination of the connector *portanto* in Brazilian formal spoken Portuguese. The objective is to arrive at a detailed description of the syntactical and semantic behavior of this joining word and to ascertain whether it has already become grammaticalized as a conjunction.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Jerônimo Soares. *Gramática philosophica da língua portuguesa*. Lisboa: Academia Real da Ciências, 1881.

CAMACHO, Roberto Gomes. As estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo. Campinas: Fapesp/Editora da Unicamp, 1999. v. VII, p. 351-405.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HOPPER, Paul J., TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, Rodolfo *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). (1993). *Gramática do português falado*. São Paulo. Campinas: Fapesp/Editora da Unicamp, 1996a. v. I, p. 63-141.

ILARI, Rodolfo. Um roteiro “funcional” para o estudo das conjunções. Campinas: Unicamp, 1996b. (Mimeogr.)

LAKOFF, Robin. The pragmatic of subordination. **Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society**, Berkeley, n.10, p. 481-92, 1984.

MATHIESSEN, Christian & THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and “subordination”. In: HAIMAN, John & THOMPSON, Sandra A. (Ed.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções condicionais. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo. Campinas: Fapesp/Editora da Unicamp, 1999. v. VII, p. 497-544.

PEZATTI, Erotilde Goreti. As estruturas coordenadas alternativas. In: NEVES, Maria Helena Moura (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo. Campinas: Fapesp/Editora da Unicamp, 1999. v. VII, p. 407-441.

RISSO, Mercedes Sanfelice. O articulador discursivo “então”. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de e BASÍLIO, Margarida (Org.) **Gramática do português falado**. São Paulo. Campinas: Fapesp: Editora da Unicamp, 1996. v. IV, p. 423-451.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.